

# O branco não me favorece...

## *White does not suit me...*

Thiago Guimarães Azevedo<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo representa o processo de construção da tese de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará e visa dialogar com o trabalho do fotógrafo Luiz Braga a partir da exposição Retumbante Natureza Humanizada. Essa exposição faz um panorama de 40 anos de atividade artística exibindo imagens ainda não apresentadas. A forma desenvolvida para discorrer sobre essa exposição foi por meio da biografia. Recorreu-se a entrevistas com o fotógrafo, o curador e um dos membros do coletivo 'Cesbixo'. Como método, tem-se o historiográfico com foco na história de vida por meio de documentos e oralidade, no sentido de construir uma biografia de cunho hermenêutico para entender o olhar de Luiz Braga sobre a Amazônia.

**Palavras-chave:** Fotografia, Exposição, Retumbante Natureza Humanizada, Luiz Braga.

**Abstract:** This article represents the process of construction of the doctoral thesis in the Graduate Program in Arts of the Federal University of Pará and aims to dialogue with the work of the photographer Luiz Braga from the exposition Retumbante Natureza Humanizada. This exhibition gives an overview of 40 years of artistic activity showing images not yet presented. The form developed to discuss this exhibition was through the biography. We used interviews with the photographer, the curator and one of the members of the collective 'Cesbixo'. As a method, we have the historiographical focusing on the history of life through documents and orality, in the sense of constructing a hermeneutic biography to understand the view of Luiz Braga on the Amazon.

**Keywords:** Photography, Exhibition, Resuming Humanized Nature, Luiz Braga.

<sup>1</sup> Professor Auxiliar no curso de Design da Universidade do Estado do Pará Doutorando em Artes pelo PPGARTES/UFPA, Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará - UFPA, possui MBA em Marketing pela Universidade da Amazônia - UNAMA e graduação em Bacharel em Design com Habilitação em Produtos pela Universidade do Estado do Pará (2006). Membro do grupo de pesquisa: Desenvolvimento de Produtos com Materiais Amazônicos - DEPROMA. Tem experiência na área de Desenho Industrial, com ênfase em Desenho de Produto, atuando principalmente nos seguintes temas: design, educação do design, arte, artesanato, marketing, imagem e cibercultura.

## Introdução

“A plasticidade visual na Amazônia, decorrente da criação de ‘artesãos’ da cor [...]”

João de Jesus Paes Loureiro

A fotografia se apresenta como uma importante ferramenta de sentidos, de memórias e afetos. Sontag (2004) aponta que a fotografia amplia a percepção do olhar e direciona para o que olhar. Dessa forma, ela ainda defende que fotografar é apropriar-se da coisa fotografada, visto que, no momento do clique, há certa apropriação de tempo e espaço do acontecimento.

Essa apropriação não necessariamente indica um aspecto do real, mas abre um portal para uma relação entre o documental e o ficcional. Neste ponto, cada imagem representa uma cadeia de significações, como aponta Eco (2013), ou seja, em conjunto com o pensamento de Sontag (2004), as fotografias se tornam crônicas visuais que são construídas numa relação entre o olhar do fotógrafo e do objeto fotografado.

Como crônica visual, a fotografia pode ser pensada no âmbito da biografia, visto que ela carrega em si uma narrativa de vida, não somente daquele que está na imagem, mas também daquele que a captura. Entretanto, como se pode canalizar o foco dessa reflexão? No objeto ou no fotógrafo? Se for a partir do fotógrafo, pode-se inquirir se é da pessoa enquanto *ethos* ou do olhar enquanto cultura visual? Visto que, nessa questão, o fotógrafo se apresenta como um duplo, pois ele não é apenas técnica na relação com o aparelho, mas percepção no contato com seu tema. Com isso, essas narrativas de vida, podem ser pensadas através dessa relação com o olhar.

A vasta obra do fotógrafo paraense Luiz Braga representa a construção do olhar de um artista que desenvolve uma identidade a partir de uma estética visual que dialoga com diversas frentes de atuação, como fotografia, cinema, artes plásticas, publicidade e propaganda, entre outras. Nesse sentido, Luiz Braga ao longo de 40 anos buscou e desenvolveu um capital visual sobre a Amazônia que representa uma percepção desse espaço para além dos estereótipos já construídos em outras imagens. Todavia, tornando a periferia paraense-amazônica um lugar de potência visual, principalmente por conta da intervenção feita por esses personagens retratados pelo fotógrafo com o uso da cor e da sua relação com a paisagem. Dessa forma, essas manifestações visuais captadas por Luiz Braga criam um amplo diálogo que vai da antropologia como método para criar relações com seus entes a serem fotografados, como das próprias artes visuais na relação com a montagem das cenas e a captura de luz e cor. Sobre essa relação de Luiz Braga com sua fotografia e a forma como a olha, Soulages (2010, p. 14) aponta:

Uma foto é um vestígio, é por isso que é poética. O fotógrafo é aquele que deve deixar, ou melhor, que deve criar vestígios de sua passagem e da passagem dos fenômenos, vestígios de seu encontro – fotográfico – com os fenômenos. É por isso que é um artista.

Portanto, esse artigo se apresenta dentro de uma discussão da percepção do artista por meio de uma construção biográfica da exposição Retumbante Natureza Humanizada, realizada em 2014 no Sesc Pinheiro em São Paulo. Todavia, este trabalho inicial não se deterá aos aspectos correspondentes à exposição em si, mas em seus preâmbulos, bem como uma reflexão sobre a biografia como um caminho para a compreensão não apenas do indivíduo e sua relação com seu entorno, mas no caso do artista, da biografia como algo que auxilia na compreensão dos caminhos perceptivos que refletem em sua obra.

### Biografia como caminho da compreensão da percepção

Dosse (2015) apresenta a biografia numa perspectiva metodológica que extrapola o mero interesse por uma vida que o biógrafo quer narrar, todavia, conduz por caminhos que mostram muito mais do que uma descrição de uma vida, mas que a partir da biografia é possível compreender contextos, pensamentos, escolhas estéticas ou teóricas de determinados personagens históricos.

Dessa forma, ele apresenta esse campo de estudo dentro de uma linha temporal a partir de sua composição editorial, seus interesses e como deixa de ser um tipo de estudo banal, para um auxiliar importante para o entendimento do tempo histórico. Visto que se utiliza de Walter Benjamin quando afirma que “[...] demonstrar como a existência inteira de um indivíduo cabe numa de suas obras, num de seus fatos [e] como, nessa existência, insere-se uma época inteira”. (DOSSE, 2015, p. 11).

Com isso, o biógrafo possui nas mãos determinadas escolhas metodológicas que precisam ser feitas para melhor encaminhar sua narrativa para não incorrer em erros e acabar tornando seu biografado algo maior do que realmente representa, ou mesmo, transformá-lo em vilão da própria história e com isso, condená-lo a um tipo de percepção inadequada. Visto que a escrita biográfica é um esquadramento perceptivo sobre o outro, ou seja, o tipo de narrativa sobre determinado personagem conduzirá a um tipo de compreensão sobre este *ethos* na história.

No caso desta pesquisa, tem-se como dilema biográfico em torno da exposição Retumbante Natureza Humanizada duas questões primárias que fazem com que a pesquisa dê seu encaminhamento: a) Como o fotógrafo paraense Luiz Braga percebe o *ethos* amazônico e transfere isso para sua fotografia?; b) Em Luiz Braga manifesta-se o *ethos* ou o mito amazônico?

Quando se coloca essa segunda questão, temos nas mãos um dilema que permeia a fotografia de Luiz Braga, visto que ele dialoga com uma dualidade que habita a fotografia como aponta Rouillè (2005). Que é a relação entre o ficcional e o documental na fotografia, a diferença entre fotografia de fotógrafo e a fotografia de artista e com essa reflexão o que temos de representação e expressão no ato fotográfico.

Essas questões são importantes, pois auxiliam a investigar os percursos que Luiz Braga tomou e toma para refletir sua fotografia, bem mais, como sua história de vida pode ser apresentada a partir de uma exposição, visto que suas imagens, a priori, não se revelam autorreferentes?

Para pensar a biografia da exposição Retumbante Natureza Humanizada, um marco temporal na vida de Luiz Braga, visto que nela se encontram imagens que fazem parte da trajetória de 40 anos do artista e o curador Diógenes Moura selecionou imagens até então nunca expostas. Nesse sentido Rouillè (2005, p. 287) nos auxilia a refletir esse percurso do artista como

o principal projeto da fotografia dos artistas não é reproduzir o visível, mas tornar visível alguma coisa do mundo, alguma coisa que não é necessariamente, da ordem do visível. Ela não pertence ao domínio da fotografia, mas ao domínio da arte, pois a arte dos artistas é tão distinta da arte dos fotógrafos quanto a fotografia dos artistas o é da fotografia dos fotógrafos.

Dessa feita, biografar a exposição Retumbante Natureza Humanizada, não é apenas buscar uma trajetória de vida, mas compreender como essa relação entre fotógrafo e artista dialoga com o imaginário amazônico de Luiz Braga. Visto que, de acordo com Soulage (2010), a fotografia se manifesta como um vestígio de um olhar, de uma percepção sobre determinada

realidade (ou mesmo i-realidade) captada pelo fotógrafo que faz determinadas escolhas e as emolduras.

Assim como o fotógrafo faz escolhas visuais para emoldura-las, o biógrafo também as faz para criar um determinado tipo de imagem de seu biografado. Essas escolhas ocorrem dentro de tipologias que auxiliam no percurso metodológico na captura e tratamento dos dados que perpassam entre o documento e a oralidade. Essas escolhas são fundamentais, visto que ao pensar Luiz Braga a partir da exposição *Retumbante Natureza Humanizada* é procurar vê-lo através de camadas que vão além de sua própria história de vida. Seria como biografia não de um *ethos*, mas de uma estética desenvolvida por ele. Assim Levi (1998, p. 165) aponta sobre a biografia

[...] recorre-se a ela para sublinhar a irredutibilidade dos indivíduos e de seus comportamentos a sistemas normativos gerais, levando em consideração a experiência vivida; já em outros, ela é vista como o terreno ideal para provar a validade de hipóteses científicas concernentes às práticas e ao funcionamento efetivo das leis e das regras sociais.

De acordo com a citação acima, a biografia serve como argumento que visa validar alguma hipótese científica, visto que o biografado atua dentro de aspectos que dialogam com o contexto social e hermenêutico. Dessa feita, ainda segundo Levi (1998), sobre a perspectiva hermenêutica representa uma perspectiva discursiva que aponta para múltiplas significações. Com isso, o que pode ser apontado como real numa construção biográfica? Para saber lhe dar com essa questão, assume-se uma postura interpretativa do discurso e no caso da biografia em questão, não se detém em afirmar verdades, mas constituir possibilidades narrativas dentro de uma visualidade.

Se assumirmos uma postura aberta diante da imagem, dando a elas interpretações que extrapolam sua borda, levando em conta as 'cadeias de significações' (Eco, 2013). Temos a construção de uma biografia hermenêutica, que tem em si um diálogo com uma linha tríade que vai do biografado, do biógrafo e do espectador. Entretanto, segundo o autor acima, não inviabiliza a construção de hipóteses que podem ser validadas ou não no processo de captação de informações.

Assim, como hipótese a ser levantada para o desenvolvimento dessa pesquisa é a que a biografia de artista tem um papel relevante para compreensão de como este constrói sua trajetória estética e produtiva no decorrer de sua vida. Visto que é necessário se centrar em aspectos significativos desse percurso, buscando suas referências, tentativas e erros, exposições, motivações, intenções sobre sua obra. Dessa forma, têm-se como levantar através disso construções metodológicas e sistemáticas para se buscar novas possibilidades estéticas e ver nas singularidades do artista novas formas de produção que podem estar além do processo técnico, mas no âmbito da sensibilidade perceptiva.

Luiz Braga se tornou um cânone na fotografia brasileira, visto que extrapola os aspectos do belo em sua obra, mas cria um diálogo visual da visualidade popular amazônica que está para além do documental, mas transversaliza este com o ficcional. Assim, o que se tem é obra do artista que utiliza de seus recursos técnicos que vai do retratismo, da foto publicitária, do cinema às artes visuais, para retratar uma Amazônia-Paraense que está para além das desigualdades sociais. Constrói um imaginário da memória popular e torna sua fotografia uma potência latente de significações afetivas.

A exposição *Retumbante Natureza Humanizada* representa um marco significativo na vida de Luiz Braga como artista, visto que ela traz à luz obras que até então não haviam sido expostas

e sua construção busca amplificar a poética construída sobre o imaginário amazônico-paraense percebido pelo fotógrafo, num diálogo entre imagens e espaço, as imagens ganham uma luminosidade diferenciada, tomando o ar de pinturas. Dessa feita, a biografia da exposição traria luz à forma como Luiz Braga reflete sobre sua própria obra e como esta percepção reflete na relação com o espectador.

### **Retumbante Natureza Humanizada – Um preâmbulo**

Quando se pensa as imagens de Luiz Braga, logo remete ao estado técnico de suas fotografias, principalmente em relação ao uso da cor como construção estética. Entretanto, não seria qualquer cor, oriunda da natureza, ou como o próprio fotógrafo diz: cor “National Geographic”. Mas uma cor que remete a intervenção do ser humano... não qualquer ser humano, mas aqueles que habitam nas margens de Belém. Margens da vida. Margens dos rios.

Imaginar esse caminho trilhado por Luiz para esses espaços, até então desprezados como potencialidade estética, remonta às suas conversas com o seu professor de Estética – João de Jesus Paes Loureiro<sup>3</sup> – durante o curso de Arquitetura na Universidade Federal do Pará, o percurso pela Estrada Nova até a universidade e sua participação no projeto Visualidade Popular na Amazônia coordenado por Osmar Pinheiro.

A cor representa para Luiz algo que transcende a percepção na construção fotográfica, mas que se estenderia ao diálogo com os espaços expositivos. Como ele mesmo salienta: “o branco não me favorece<sup>4</sup>”, apontando que suas fotografias se tornam mais potentes quando expostas na relação que forma o seu olhar para a Amazônia, a cor.

Essa expressão não representa apenas a necessidade da cor em suas fotografias, ou na relação delas com o espaço expositivo. Significa a percepção da estética existente no povo amazônico que observa desde a Estrada Nova e atualmente na ilha do Marajó. Como o primeiro se tornou perigoso para desbravar<sup>5</sup>, o segundo representou um manancial potente não apenas de imagens, mas de imaginários e histórias, onde desenvolveu ainda mais sua percepção.

A partir da forma como o povo Amazônico lida com seu próprio espaço, no colorido e arquitetura das casas. Do colorido do pó xadrez ao colorido do suporte que sustenta suas fotografias, Luiz ao longo de seus mais de 40 anos de produtividade artística, viu essa relação de forma simbiótica com seu trabalho, pois na verdade o que se manifestou em suas imagens não foi apenas uma questão técnica, mas um reflexo de uma estética desse imaginário amazônico.

<sup>2</sup> Em entrevista realizada 12 de junho de 2018, Luiz Braga destaca que não gosta de trabalhar com tipos de fotografia ‘National Geographic’, ou seja, fotos de paisagem de natureza. Com cores e composição de paisagem sem relação direta com o ser humano.

<sup>3</sup> Durante as entrevistas de 15 de março e 12 de junho de 2018, Luiz Braga ressalta a importância de Paes Loureiro para sua percepção estética, bem como a partir do texto Fontes do Olhar, ele e Diógenes extraíram as bases para o texto curatorial e a referência para o título da exposição ‘Retumbante Natureza Humanizada’.

<sup>4</sup> Expressão dita por Luiz Braga em entrevista realizada em 12 de junho de 2018 ao pontuar a realização como artista sobre a seleção de fotografias suas pelo curador Ivo Mesquita para a Bienal de Veneza em maio de 2009. Por dificuldades burocráticas no diálogo entre Brasil/Itália, suas imagens foram expostas, segundo o fotógrafo, de forma tradicional em paredes brancas. Para Luiz, as imagens tiveram excelente aceitação, porém, para ele, perderam grande parte de sua potencialidade, pois como afirma: “O branco não me favorece...”.

<sup>5</sup> Em entrevista em 15 de março de 2018, relatou sobre os assaltos que sofreu na Estrada Nova e o fato de optar por não andar com seguranças durante suas expedições, pois isso o afasta das pessoas que se relaciona e afeta o desempenho das produções, nesse sentido, optou por mudar sua fonte de produção de imagens.

No texto “Fontes do Olhar” João de Jesus Paes Loureiro deu os prenúncios daquilo que se tornou em 2014 a exposição “Retumbante Natureza Humanizada”. Dois destaques importantes nesse texto que se encontram no texto curatorial de Diógenes Moura<sup>6</sup> representou a influência do pensamento de Paes Loureiro sobre o olhar de Luiz Braga.

São marcas de passagem de um povo que olhar. Revelam a insurreição contra a regularidade aparente do verde e do barrento. A escrita do homem sobre o universo, numa visualidade lírica, pois estabelece um acordo do homem da região com o mundo, e do mundo consigo mesmo. Formula o pacto elementar entre a essência e a aparência. É uma visualidade que indica a ocupação da solidão, *horror ao vazio*. As cores se apoderam-se de todas as superfícies postas ao dispor do homem. E ele joga com as cores criando a sua humilde, mas *berrante natureza humanizada*, marcada de tonalidades fortes e agressivos contrastes. Como a epiderme exterior de um desejo de retirar tudo da uniformidade. Uma ânsia de diferença. O gosto pelo particular, numa região de universalidade. [grifo meu]. (PAES LOUREIRO, João de Jesus. Fontes do Olhar. In Herkenhoff, Paulo. Amazônia Ciclos de Modernidade, 2012. p. 81<sup>7</sup>

..

A expressão ‘Horror ao Vazio’ serviu de referência ao texto curatorial escrito à exposição Retumbante Natureza Humanizada, Diógenes Moura. A relação entre os dois textos<sup>8</sup> está na forma como essa Amazônia foi percebida, como esse lugar de potências estéticas na interação entre homem e natureza. Em Paes Loureiro a cor é algo evidenciado como destaque estético desse sujeito amazônico. Diógenes evidenciou o percurso que Luiz construiu em sua trajetória artística e como esse encontro entre o fotógrafo e essa realidade estética se manifestou em suas imagens.

Nos anos 1970 e 1980 a cor para mim era uma teimosia, já que naquele tempo a fotografia preto e branco é que era considerada “fotografia de arte”. Mas foi a cor que me guiou e ajudou a ver o meu lugar e a criar o meu território do olhar. Minha intuição acabou por me manter onde nasci. Não sou um fotógrafo de grandes expedições geográficas. Depois de muito refletir sobre o que fazia, notei que voltava naturalmente aos mesmos lugares e temas, mas que, a cada retorno, minha fotografia poderia se expandir e se aprofundar, mantendo acesa a inquietude que alimenta a experimentação de novas técnicas e maneiras de fotografar<sup>9</sup>.

E ‘Berrante Natureza Humanizada’ sofreu uma releitura para dar o nome à exposição com a substituição de Berrante para Retumbante. Quando Luiz pensou o que deu início a Retumban-

<sup>6</sup> Nascido no Recife, Diógenes Moura é escritor, curador de fotografia e editor independente. Entre 1998 e 2013 foi curador de fotografia da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Em 2009 foi eleito o melhor curador de fotografia do Brasil pelo Sixpix/Fotosite. Em 2010 recebeu o prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) de melhor livro de contos/crônicas.

<sup>7</sup> Disponível em <<http://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/AmazoniaCiclosModer.pdf>>. Acesso em 01 de julho de 2018

<sup>8</sup> João de Jesus Paes Loureiro e Diógenes Moura.

<sup>9</sup> Fala de Luiz Braga que compõe o texto ‘Novamente Horror ao Vazio’ de Diógenes Moura para o Catálogo da Exposição Retumbante Natureza Humanizada. Sesc Pinheiro, 2014, p. 19.

te Natureza Humanizada, imaginou não apenas uma intencionalidade direta da exposição, mas uma organicidade na forma como desenvolve seu trabalho. Ou seja, suas imagens não surgiram para determinadas exposições, mas foram criadas em função de um olhar e de uma relação com as pessoas e seus espaços. Isso se refletiu no diálogo que suas fotografias estabeleceram entre si e essa organicidade ficou fortemente latente no seu encontro com Diógenes Moura, que viria a ser curador dessa exposição.

O encontro entre Luiz e Diógenes ocorreu por intermédio da curadora Rosely Nakagawa<sup>10</sup>, quando aquele buscava o fotógrafo para compor os artistas brasileiros para a exposição. A partir dessa intermediação Diógenes veio à Belém para efetuar a seleção do material de Luiz. Esse processo de pesquisa se deu no ano de 2008. O fotógrafo considerou este o marco inicial para seleção de imagens que viriam culminar na Retumbante Natureza Humanizada.

Para Diógenes Moura,<sup>11</sup> o processo inicial de contato com Luiz Braga se dá em 2006 para montagem da exposição ‘À procura de um olhar: fotógrafos franceses e brasileiros que revelam o Brasil’<sup>12</sup>. Entretanto, ele já vinha observando o seu trabalho em virtude da peculiaridade do trabalho de Luiz em se manter na terra onde nasceu e ter em sua obra a extensão um pouco mais de 100 km de sua terra natal. Isso para o curador significou um mergulho mais profundo na construção de sua obra.

Um aspecto que marcou Luiz em relação a Diógenes, foi a forma como ele desenvolveu a pesquisa sobre sua obra. Percebeu no olhar de Diógenes um tratamento diferente sobre algumas imagens que haviam sido, de certa forma, passadas despercebidas por outros curadores que trabalharam com suas imagens. Isso se tornou mais claro para Luiz no resultado da seleção das fotografias para a exposição ‘A Procura do Olhar’. Segundo o fotógrafo, essa exposição representou uma percepção fora da curva sobre sua obra, pois as imagens selecionadas nunca haviam participado de nenhum tipo de exposição.

Com isso o trabalho desenvolvido por Diógenes Moura à exposição ‘A Procura de um Olhar’ representou na percepção de Luiz Braga uma espécie de aquecimento para o que veio ser a ‘Retumbante Natureza Humanizada’, pois ela deu o tom do processo de pesquisa de seu trabalho, que era visitar “imagens que estavam adormecidas, de certa maneira esquecidas dentro do arquivo”<sup>13</sup>. Ou seja, redescobrir as imagens do artista para além das fotografias que o consagraram.

A partir dessa experiência, Luiz Braga decide desenvolver um mergulho mais profundo em sua obra, tendo em vista que Diógenes seria a pessoa ideal para a leitura desse material. Segundo o artista, sua produção contém cerca de 300 mil<sup>14</sup> imagens entre expostas e não expostas, a

<sup>10</sup> É arquiteta e curadora formada em Arquitetura pela USP/SP, especialista em Museologia também pela USP e em Semiótica da Comunicação pela PUC/SP. Participou na Curadoria Geral do projeto Panorama da Fotografia Paraense 80/90 coordenado por Mariano Klautau Filho e foi curadora de algumas exposições de Luiz Braga.

<sup>11</sup> Em entrevista cedida em 07 de maio de 2018 via vídeo chamada – Skype.

<sup>12</sup> Foi uma exposição coletiva com 200 imagens em comemoração ao ano da França no Brasil que ocorreu em 2009 na Pinacoteca de São Paulo com curadoria de Diógenes Moura, que na época era coordenador da Pinacoteca. Entre as imagens havia fotografias dos fotógrafos franceses Pierre Verger, Marcel Gautherot e Jean Manzon e de fotógrafos da atualidade como Bruno Barbey, Olívia Gay e Antoine D’Agata e entre os brasileiros estão Luiz Braga, Tiago Santana e Mauro Restiffe. A mostra prestou homenagem ao antropólogo francês Claude Lévi-Strauss. Sobre a exposição ver em Guia Folha São Paulo. Disponível em <<https://guia.folha.uol.com.br/exposicoes/ult10048u557876.shtml>>. Acesso em 14 de julho de 2018.

<sup>13</sup> Destaque de Luiz Braga em entrevista realizada 12 de junho de 2018.

<sup>14</sup> Segundo Luiz Braga em entrevista realizada no dia 12 de junho de 2018, afirma que nesse acervo vasto de seu trabalho, se for fazer uma pesquisa criteriosa numa proporção de 20 para 1, sobraria cerca de 15 mil imagens, mas se a pesquisa seguir um caminho mais exigente ainda, sobraria cerca de 1500 imagens entre inéditas e conhecidas.

maioria nunca havia sido revelada. Portanto, Diógenes atuou como uma espécie de paleontólogo da obra de Luiz.

De acordo com o curador a intenção era efetuar um mergulho na produção do fotógrafo para além das “imagens-ícones” do artista, mas desbravar seu universo imagético desses quarenta anos de atividade, que vinha desde a primeira imagem aos onze anos quando andava com o pai<sup>15</sup> no Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira até 2014 quando foi feita a primeira montagem da exposição Retumbante Natureza Humanizada no Sesc Pinheiro.

Antes da construção da exposição Retumbante Natureza Humanizada. Em 2009 – a convite do curador Ivo Mesquita<sup>16</sup>, Luiz foi convidado para participar da Bienal de Veneza<sup>17</sup>. Ele considerou esse momento muito significativo em virtude da magnitude da exposição. Entretanto, encontrou diversas dificuldades para poder despachar seu material. Esse fato prejudicou a montagem das suas imagens no local, o que ele considerou de “burocrático” seguindo a linha do cubo branco. Ivo escolheu Luiz a partir da 28ª Bienal de São Paulo.

Esses eventos iniciais marcam o prenúncio do que veio a ser a exposição Retumbante Natureza Humanizada, não apenas no sentido de mostrar uma estética presente na vida cotidiana do homem amazônico representado nas imagens de um artista. Mas da relação dessa estética com a construção de um olhar de um fotógrafo que vê na sua própria cultura um lugar de potência para a construção de uma poética que tem atravessado toda sua vida.

### Considerações Finais

Este trabalho está em processo, visto que representa os caminhos a serem trilhados para o desenvolvimento de minha tese de doutoramento do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará. Como apontado acima, a escolha de Luiz Braga se dá por dois aspectos. O primeiro pela importância que ele possui para a fotografia nacional, que extrapola seu domínio técnico, mas pela forma como se envolve com o tema. Sendo um fotógrafo que habita na região que escolhe como espectro estético, com isso, pode-se afirmar que estabelece na Amazônia o que pode se definir como “etnofotografia”, como aponta João de Jesus Paes Loureiro.

Outro ponto de relevância em seu trabalho está na própria exposição Retumbante Natureza Humanizada. Foi premiada pela Associação Paulista de Críticos de Arte como a melhor exposição de fotografia do ano de 2014. Ela se torna peculiar em virtude das escolhas feitas por Diógenes Moura, seu curador, que optou por utilizar imagens fora do cânone do artista, ou seja, selecionou fotografias que nunca foram exibidas pelo artista, além delas serem dispostas rompendo com aspectos temporais e dialogar com ambientes que apresentam a trajetória do artista, como foi o caso da ‘Sala dos Afetos’ e a apresentação de um curta produzido pelo coletivo ‘Cêsbixo’ que procura romper com a barreira do estático e introduziu o expectador para dentro da fotografia de Luiz Braga, apresentando assim uma nova dimensão da percepção estética do fotógrafo. Essa exposição possuiu outra dimensão quando foi montada em Belém, visto que ela foi carregada por uma carga celebrativa, com diversos eventos ocorrendo dentro da exposição.

Assim, ela extrapola a lógica da imagem em seu ambiente expositivo e ganha uma nova dimensão que envolve o contexto de sua montagem, pesquisa e a escolha das fotografias para compor a sua estrutura. Tanto Luiz Braga, quanto Diógenes Moura se apresentam dentro de uma percepção metódica bem definida, o que mostra que nada nela aparece por acaso, mas

<sup>15</sup> Dr. Dorvalino Braga.

<sup>16</sup> Historiador da Arte e Curador foi responsável pela Pinacoteca de São Paulo entre 2002 a 2012. Foi curador-chefe da 28ª Bienal de São Paulo em 2008 e responsável por levar Luiz Braga à 53ª Bienal de Veneza.

<sup>17</sup> A 53ª Bienal de Veneza ocorreu em maio de 2009.



que procura apresentar um imaginário que foi construído ao longo dos 40 anos de atividade do artista, bem como, uma Amazônia que se manifesta entre o fato e o mito na fotografia de Luiz Braga.

### Referências

Chiodetto, Eder. **Luiz Braga**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014.

Braga, Luiz. **Luiz Braga**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

\_\_\_\_\_. **Retumbante Natureza Humanizada**. São Paulo: Sesc Pinheiros, 2014

\_\_\_\_\_. **Retumbante Natureza Humanizada**. Belém: Secult, 2016.

Dosse, François. **O Desafio Biográfico: Escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

ECO, Umberto. **Estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LEVI, Giovani. Usos da Biografia. In. AMADO, Janaína e FERREIRA, Moraes (orgs). **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. Fontes do Olhar. In Herkenhoff, Paulo. **Amazônia Ciclos de Modernidade**, 2012. p. 81. Disponível em <<http://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/AmazoniaCiclosModer.pdf>>. Acesso em 01 de julho de 2018.

\_\_\_\_\_. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cultural Brasil, 2015.

Persichetti, Simonetta. **Imagens da fotografia brasileira**, volume I. São Paulo: Estação Liberdade: Editora SENAC São Paulo, 2000.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia: perda e permanência**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

Recebido em 08 de novembro de 2018.

Aprovado em 28 de dezembro de 2018.